

ALOÍSIO CARD. LORSCHIEDER

SÍNTESE
DO DOCUMENTO DE PUEBLA

12/11/68

EDIÇÕES PAULINAS

Esta síntese foi apresentada por Dom Aloísio Lorscheider na 17.ª Assembléia do Episcopado Brasileiro, em Itaiaci — SP — de 18 a 27 de abril de 1979.

Seu principal objetivo foi orientar e facilitar a aplicação das Conclusões da 3.ª Conferência do Episcopado latino-americano de Puebla ao Brasil.

O valor deste trabalho consiste ainda em apresentar o Documento de Puebla, numa visão de conjunto, muito sucinta e orgânica.

Facilita, além disso, o seu estudo, pois, dá uma orientação clara sobre as várias partes do Documento e coloca em relevo os aspectos mais importantes.

A publicação do presente opúsculo foi feita com base aos insistentes pedidos de todos os Regionais, que manifestaram vivo interesse pela sua publicação.

A Editora

1. INTRODUÇÃO

1.1 Toda síntese é falha. Terá que partir, necessariamente, de determinado ponto de vista. Tal ponto de vista dificilmente será englobante. No caso de Puebla, esta síntese, torna-se tanto mais difícil quanto mais frequentes são as repetições e diversas as acentuações, segundo o modo de ver das respectivas Comissões de Trabalho que elaboraram o texto. Existia um desejo de unidade e logicidade, mas o tempo limitado não permitiu uma última demão. Resultado: a unidade é muito relativa. Além do mais, nem sempre se permaneceu dentro do tema proposto, resvalando-se, não poucas vezes, para considerar mais a *missão da Igreja no presente e futuro da América Latina do que a evangelização no presente e no futuro da América Latina*.

1.2 Não se pode esquecer o pano de fundo do Documento de Puebla:

- o Concílio Ecumênico Vaticano II,
- a 2.^a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (Medellín 1968),
- a Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi” (Paulo VI, 8-12-75),
- o Discurso inaugural da 3.^a Conferência Geral do Episcopado Latino-americano (João Paulo II, 28-1-1979), completado pela Carta Encíclica “Redemptor Hominis” (4-3-1979).

Além desses documentos, reaparece muito forte o influxo da Carta Encíclica "Populorum Progressio" (Paulo VI, 26-3-1967) e a "Octogesima Adveniens" (Paulo VI, 14-5-1971) e o documento sinodal de 1971 sobre a *Justiça no Mundo*.

1.3 Na consideração do Documento de Puebla não se podem esquecer *as várias tendências pastorais* presentes na América Latina no pós-Vaticano II e no pós-Medellín. Estas tendências continuam a existir dentro de cada um de nós. Não é fácil desfazer-se de pontos de vista que nos parecem os melhores. O importante é ter consciência da presença dessas tendências em nós, permanecendo numa *abertura colegial fraterna* a outras tendências, de tal sorte a se encontrar a via mais justa.

1.3.1 Uma tendência característica da ação pastoral entre nós é a da adoção de uma metodologia que dá muita importância à *análise da realidade*. Acontece que a leitura da realidade não é unívoca. Ela é influenciada pelos diversos instrumentos de análise, pelas diferentes mentalidades, talvez até ideologias, e pela própria diversidade de situações que cada um de nós vive. É evidente que a ação pastoral assumirá formas diversas e, quiçá, até contrastantes.

1.3.2 Há os que manifestam preferência por *uma pastoral da conservação*: conservar formas e instituições pastorais do passado, já conhecidas e experimentadas, que continuam tendo beneficiários, embora estejam diminuindo ou envelhecendo. Face ao mal-estar e à desorientação em que muitos fiéis se acham na sociedade urbana de transformação e mesmo diante de novas formas de atuação da Igreja, eles voltam a buscar com interesse renovado as formas tradicionais de convivência e expressão religiosa.

1.3.3 Há outros que preferem acentuar a *necessidade da renovação das formas tradicionais*.

Não se trata de *substituir* formas antigas por novas, mas *aperfeiçoar e desenvolver* as formas tradicionais. Neste sentido há um esforço de renovação paroquial, que mantém a estrutura da paróquia, mas procura modificar sua dinâmica, tornando-a mais centrífuga, mais animadora de comunidades, grupos e movimentos; o esforço de renovação litúrgica, que traduz e purifica as orações e os ritos, sem uma "aculturação" ou adaptação mais acentuada à cultura local; o esforço de renovação catequética preocupada com uma educação da fé que parta das condições culturais concretas dos educandos e que procura inserir mais organicamente a catequese no contexto de toda a vivência cristã; o esforço de superar a sacramentalização extensiva ou "de massa", fazendo da celebração sacramental uma oportunidade de evangelização e de conscientização por um compromisso pessoal responsável.

Neste conjunto deve dar-se relevo especial às manifestações de religiosidade católica, especialmente às *peregrinações e devoções marianas*, que, junto com outras expressões religiosas populares, constituem um patrimônio rico e vivo, onde a ação pastoral encontra amplas possibilidades de evangelização das massas.

1.3.4 Há também a busca de *novas formas de comunhão eclesial e revisão das estruturas humanas da Igreja*. Visando a participação e a efetiva vivência da comunhão, multiplicam-se os órgãos colegiados (Conselhos, Sínodos, Assembléias) e as formas comunitárias ou orgânicas de planejamento, execução e revisão da ação pastoral. Aqui se ressaltam *as Comunidades Eclesiais de Base* (CEBs). As CEBs representam um novo modo de ser da Igreja, com participação ativa de seus membros, realização de seu caráter comunitário e real empenho na transformação do mundo.

1.3.5 Outra tendência da pastoral na América Latina é a que se poderia chamar *profética*. Ela implica

uma adesão corajosa e intransigente à Palavra de Deus, ao Evangelho. Ela se manifesta tanto na proclamação do Reino de Deus e de seu ideal de paz, justiça e fraternidade, com sua dimensão escatológica e transcendente, quanto na denúncia das situações humanas que contrastam violentamente com a vontade de Deus. Aspectos desta tendência pastoral são a defesa dos direitos dos pobres (índios, posseiros, marginalizados) e, em geral, dos direitos humanos fundamentais; a luta pela justiça e pela promoção de todo homem.

Esta atuação traz consigo uma atitude de distanciamento face ao poder e à riqueza. É uma atitude inseparável da atitude evangélica de pobreza, seja como opção pessoal, seja como dedicação ao serviço dos pobres. Neste sentido é notável a renovação da vida religiosa, que procura assumir efetivamente as exigências do voto de pobreza no novo contexto social e que procura redistribuir suas atividades e recursos.

1.3.6 Puebla deixa sentir, de alguma forma, estas tendências no seio da Igreja, quando observa que a situação social tem acarretado, no interior da Igreja, tensões produzidas ou por grupos que enfatizam “o espiritual” de sua missão, ressentidos com os trabalhos de promoção social, ou por outros que querem transformar a missão da Igreja em mero trabalho de promoção humana (cf. Documento de Puebla, edição provisória, 50).

1.3.7 Esta diversidade e, às vezes, atitude conflitual no campo pastoral parece a alguns um fato *positivo*. Se todos fossem da mesma tendência, seria fatal para a vida pastoral da Igreja. Um sadio pluralismo na Igreja nunca prejudicou a sua unidade. Outros, pelo contrário, enxergam nesta diversidade um fato *negativo*, um prejuízo à unidade, e se perguntam sobre o que seja de fato um sadio pluralismo.

2. MEDELLÍN — PUEBLA

Para compreender o alcance de Puebla faz-se necessária uma referência explícita a Medellín, com breve síntese do que lhe foi essencial.

2.1 MEDELLÍN (1968)

o tema então fora: “*A Igreja na atual transformação da América Latina à luz do Concílio*”.

No desenvolvimento deste tema, Medellín concentrou sua atenção *sobre o homem* que vive um momento decisivo de seu processo histórico. O esforço da Igreja na América Latina foi, naquela ocasião, o de compreender este momento histórico do homem latino-americano à luz da Palavra de Deus, que é Cristo, em quem se manifesta o mistério do homem.

O que, então, caracterizava a situação era a *transformação e o desenvolvimento*. Transformação extraordinariamente rápida, atingindo e afetando todos os níveis do homem, desde o econômico até o religioso. Tudo era visto como umbral de uma nova época da história do Continente. Época plena de um desejo de *emancipação total*, de *libertação de qualquer servidão* (considerada a idéia chave de Medellín!), de *maturidade pessoal e integração coletiva*. Sentiam-se os prenúncios do parto doloroso de uma nova civilização.

Neste processo transformador e evolutivo do Continente, via-se assinalada a presença do Espírito que conduz a história dos homens e dos povos para a sua vocação. Descobriam-se nesta vontade tenaz e apressada de transformação os vestígios da imagem de Deus no homem, como um potente dinamismo. Progressivamente este dinamismo o leva ao domínio sempre maior da

natureza, a uma personalização mais profunda e coesão fraterna, como também a um encontro com aquele que ratifica, purifica e aprofunda os valores alcançados pelo esforço humano.

O fato da transformação do Continente atingir, com seu impacto, a totalidade do homem, apresentava-se como um sinal e uma exigência. Sinal e exigência da presença de Deus que quer salvar o homem todo, corpo e alma. Cristo, ativamente presente em nossa história, está antecipando seu gesto escatológico não só no desejo impaciente do homem para alcançar sua total redenção, mas também naquelas conquistas que, como sinais indicadores do futuro, o homem vai fazendo, através de uma atividade realizada no amor.

Assim como Israel, o antigo Povo, sentia a presença salvífica de Deus quando da libertação do Egito, da passagem pelo Mar Vermelho e conquista da Terra Prometida, assim também nós, o novo Povo de Deus, não podemos deixar de sentir seu passo que salva, quando se dá a verdadeiro desenvolvimento, que é, para todos e cada um, a passagem de condições menos humanas a condições mais humanas (cf. "Populorum Progressio", 20 e 21).

Nesta transformação em que se manifesta o desejo de integrar toda a escala de valores temporais na visão global da fé cristã, tomou-se consciência da *vocação original da América Latina*: "vocação de unir numa síntese nova e genial o antigo e o moderno, o espiritual e o temporal, o que outros nos legaram e nossa própria originalidade" (Paulo VI, Discurso de 3-7-1966).

Em Medellín foram três os grandes setores abordados:

— o setor da promoção humana para os valores da justiça, paz, educação, família;

— o setor da evangelização e da maturação da fé, dos nossos povos e de suas elites, através da catequese e liturgia;

— o setor dos problemas relativos aos membros da Igreja. Tratava-se de intensificar a unidade da Igreja e a sua ação pastoral através de estruturas visíveis, adaptadas às condições do nosso Continente.

Medellín tinha por escopo refletir, obter maior clareza pastoral, falar, mas tinha consciência muito nítida de que se impunha a ação: "Esta não deixou de ser a *hora da palavra*, mas tornou-se, com dramática urgência, a hora da ação. É o momento de inventar com imaginação criadora a ação a ser realizada e, sobretudo, levá-la a termo com a audácia do espírito e o equilíbrio de Deus. Esta Assembléia foi convidada a tomar decisões e estabelecer projetos, unicamente se estivermos dispostos a executá-los como compromisso pessoal nosso, ainda que à custa de sacrifícios".

2.2 PUEBLA (1979)

O tema de Puebla: "A evangelização no presente e no futuro da América Latina".

Preocupação básica: o que é evangelizar hoje e amanhã na América Latina? Trata-se da missão essencial da Igreja, da graça e vocação própria da Igreja, de sua mais profunda identidade. A Igreja existe para evangelizar ("Evangelii Nuntiandi", 14). A missão fundamental da Igreja é evangelizar hoje, aqui, de olhos abertos para o futuro (Documento da Puebla, 40; 48).

A pergunta fundamental de Puebla torna-se também a nossa nesta Assembléia: o que significa evangelizar hoje e amanhã em nosso País, em nosso Brasil? E com esta pergunta básica, a interrogação sobre os critérios e sinais de evangelização e a sua finalidade.

Os desafios que se apresentam na América Latina à ação evangelizadora devem estar presentes para quem procura uma resposta exata ao tema proposto.

Puebla percebe-os no *homem latino-americano*:

— em sua extrema pobreza, produto de situações e estruturas econômicas, sociais e políticas, onde o pecado se faz mais evidente, quando outra deverá ser a face de um Continente que afirma e sente o seu substrato católico;

— no desrespeito e ofensa dos direitos humanos fundamentais, que o coloca em situação de permanente violação da dignidade de sua pessoa;

— na subversão dos valores culturais autóctones e criação de uma nova cultura marcadamente secularista, tecnocrata, consumista, hedonista, opressora;

— em sua manipulação, com a pesada influência dos meios de comunicação social, quanto à informação, publicidade, invasão da privacidade e criação de uma nova linguagem;

— em seu acelerado crescimento demográfico e o surgir de megalópoles incontrolláveis, ligadas ao fenómeno migratório interno e externo;

— em sua sujeição e políticas totalitárias, em que os abusos de poder, a falta de participação e a proibição de organização são características;

— em seu encontro com um surto religioso pluralista, por vezes sectário e proselitista, em meio a ambiguidades teológicas com propagação de doutrinas errôneas ou discutíveis sobre a fé e a moral;

— em sua desagregação familiar com o enriquecimento dos valores básicos da família e as políticas antinatalistas contrárias à moral familiar.

Diante desses desafios, além da necessidade de definir bem o que seja a evangelização, quais os seus critérios e sinais, e *para que evangelizar*, é preciso saber

- o que evangelizar? (conteúdo)
- como evangelizar? (meios)
- a quem evangelizar? (destinatários)
- com quem evangelizar? (agentes).

2.2.1 O que é evangelizar

É levar, dentro de uma situação concreta, a Boa Nova do Reino de Deus, comunicada aos homens por Jesus Cristo na força do Espírito Santo, ao homem todo e a todos os homens para transformá-los desde o interior, de sorte que tenha eficácia histórica conforme a Palavra de Deus e o seu desígnio de salvação. Trata-se do anúncio, da proclamação, da comunicação da Palavra e da Vida de Deus, que deverá ser fermento, luz de toda a vida do homem e de todos os homens (cf. "Evangelii Nuntiandi", 18-20; 36).

A evangelização leva a conhecer Jesus como o Senhor, aquele que nos revela o Pai e nos comunica o seu Espírito. Ele nos chama à conversão que é reconciliação e vida nova; leva-nos à comunhão com o Pai, a qual nos torna filhos e irmãos... Faz brotar no mundo frutos de justiça, de perdão, de respeito, de dignidade e de paz. Dá sentido a todas as aspirações e realizações humanas, questionando-nos sempre e superando-as infinitamente. É libertação do pecado e do maligno, dentro da alegria de conhecer a Deus e ser por ele conhecido, de vê-lo e entregar-se a ele (Puebla, 244-246; "Evangelii Nuntiandi", 9).

Evangelizar é converter as pessoas e transformar a sociedade dentro do desígnio criador e salvador divinos.

É dar uma resposta a partir do plano criador e salvador de Deus aos desafios colocados à ação evangelizadora. É formar uma nova humanidade com homens novos orientando a todos para uma nova maneira de ser, de julgar, de viver e conviver. É um processo dinâmico permanente que chama a pessoa à comunhão filial com Deus e à comunhão fraterna com os homens pela proclamação da Palavra de Deus que deve penetrar no coração dos homens, em suas experiências e modelos de vida, em sua cultura e ambientes, levando-os à comunidade de fé, esperança e caridade ("Lumen Gentium"8), onde perseveram na oração, na convivência fraterna, e celebram sua fé e os sacramentos da fé com seu ápice a Eucaristia, e testemunham o que viram, ouviram e apalpam (cf. 1Jo 1, 1-3).

2.2.2 O que evangelizar? (conteúdo da evangelização)

É a *indicação dos princípios ou critérios evangélicos* segundo os quais a Igreja deve *ler, discernir e iluminar* o sentido do acontecer latino-americano. É a contribuição própria e específica da Igreja na busca de solução para os desafios que se colocam no presente e no futuro à ação evangelizadora em nosso Continente.

2.2.2.1 CRISTO

O ponto evangelizador fundamental é o *anúncio de Jesus Cristo como Filho de Deus que se fez homem*, entrou no mundo e na casa dos pecadores, veio refazer o homem *marginalizado, pobre, enfermo, ferido, pecador*, fazendo-o *filho de Deus* (filho do Filho). Ele, o primogênito de toda criatura (Cl 1,15), o Servo de Javé (Fl 2, 6; Is 52), o primeiro entre os mortos (Cl 1,18), o primogênito entre muitos irmãos (Rm 8,29), veio

evangelizar os pobres (cf. Lc 4,17 ss), unindo o homem assim transformado a si mesmo em sua vida de ressuscitado, superando o pecado em toda a sua extensão individual e social: "Ele é o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo" (Jo 1,36).

Jesus Cristo — *Deus peregrino na história dos homens* — pôs-se no centro desta história. Veio *recapitular* tudo (Ef 1,10) em ordem à construção do *Reino de Deus*: "Deus tudo em todos" (1Cor 15,28) — Reino do Pai — onde o modelo de vida é a própria *comunhão trinitária*: "Que todos sejam um. Como tu, Pai, em mim e eu em ti, que também eles sejam um em nós... (Jo 17,21). Jesus Cristo veio congregar na unidade os filhos de Deus dispersos (Jo 11, 52). No seu corpo, por meio da cruz, destruiu a inimizade, derrubou o muro da separação, reconciliou uns e outros com Deus, fez a paz, ele que é nossa paz (Ef 2,14-18). Por ele temos agora todos acesso ao Pai, num só Espírito (Ef 1,18).

Este mesmo Jesus Cristo, dom do Pai à humanidade para libertá-la, continua oferecendo-se em propiciação por nossos pecados (1Jo 2,2); à direita de Deus advoga em nosso favor (Rm 8,34), está sempre presente como *Ressuscitado*, como *Senhor*, na história de todos os tempos, de maneira muito especial na sua Igreja. sacramento de sua ação salvadora, e na pessoa humana, particularmente no irmão menor (cf. Ap 1; Mt 25,40).

A *Eucaristia* é a realidade e a proclamação dele, morto e ressuscitado, sempre presente na história dos homens até o final dos tempos: "Anunciamos, Senhor, a tua morte, proclamamos a tua ressurreição, até que venhas". A Eucaristia é assim fonte e energia de libertação cristã, é alimento da unidade já existente e como projeto a realizar em perspectiva escatológica. É no Cristo morto e ressuscitado dado a nós na Eucaristia,

que o Povo de Deus em marcha encontrará sua força e coragem.

2.2.2.2 IGREJA

O segundo ponto a ser acentuado no anúncio evangelizador para a América Latina é a proclamação da salvação de Jesus Cristo presente *na Igreja*.

Cristo que viveu a condição humana, profeta morto e ressuscitado, convoca a sua Igreja para prolongá-lo, como seu *Corpo*, no tempo e no espaço. A Igreja, como *Corpo de Cristo*, é *comunhão* e *sinal de comunhão* dos homens com Deus e dos homens entre si, é *em Cristo sinal e instrumento de salvação* ("Lumen Gentium", 1). Educando os homens na autêntica solidariedade, ela superará todas as formas de injustiça seja dentro como fora da Igreja. Integrará como membro seu, todo ser humano de qualquer condição ou raça. Aberta a todas as classes, mais especialmente comprometida com os pobres e oprimidos ela dará testemunho de sua atenção às necessidades da pessoa humana em todas as suas dimensões. Para isso servirá o dinamismo da conversão à unidade sem fechamento em si mesmo nem particularismo.

Ela apresentar-se-á ao mundo como "os filhos de Deus reunidos em Cristo pela força do Espírito Santo".

Como Cristo, *a Igreja*, conduzida pelo Espírito Santo presente nela e iluminada e impulsionada por ele, é *peregrina na história dos homens*. Sua condição *de Povo de Deus* entre os povos deixa perceber claramente esta sua missão evangelizadora na superação da dor, da miséria, da injustiça, do desrespeito do homem em sua dignidade, da ruptura da comunhão dos homens com Deus e dos homens entre si. É *missão de diálogo permanente*. Por isso, é evangelização também permanente.

2.2.2.3 A PESSOA HUMANA

O terceiro anúncio evangelizador, intimamente conexo com os anteriores, é o anúncio da dignidade da pessoa humana.

A Igreja deverá anunciar ao homem latino-americano de hoje e amanhã que ele é, por desígnio de Deus, *filho de Deus*, com todos os seus valores materiais e espirituais, nas dimensões de comunhão com Deus, com o outro, consigo mesmo e com as coisas criadas (cf. "Gaudium et Spes", 13).

Todo homem encarna em si mesmo a imagem daquele que veio na fraqueza da carne e dela foi libertado por obra do Pai, para fazer de cada pessoa um "filho amado no Filho bem-amado" (cf Ef 1,3-6), escolhido para ser, pela força do Espírito Santo, configurado com o Senhor Jesus e destinado à ressurreição. Por isso *todo ser humano aqui e agora merece toda a honra e todo o respeito!*

O respeito para todo ser humano pede na evangelização uma atitude aberta. É necessário aproximar-se de cada pessoa humana como Deus mesmo o faz e como a história situou a cada um. A *cultura* da pessoa humana e *as culturas* de nossos povos merecem todo o respeito e toda a atenção. Impõe-se um desenvolvimento harmônico dos *valores* culturais e o *juízo crítico*, o *discernimento*, diante dos *contravalores* ou *antivalores*.

Aos *valores* podemos chamar com o Vaticano II, "sementes do Verbo" (cf. "Nostra Aetate", 2).

Os *antivalores* são as falsas concepções de Deus e o que elas significam na vida e concepções práticas; os comportamentos antinaturais ou as aberrantes manipulações do homem pelo homem.

Em nossa América Latina é preciso ter muito em conta a *religiosidade popular* com a *peculiar devoção a*

Maria Virgem, aos Santos, aos defuntos, e a sua manifestação nas romarias aos santuários e nas procissões e novenas. Diz Puebla: "Se a Igreja não reinterpretar a religiosidade do povo latino-americano, produzir-se-á um vazio que será ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados, pelo consumismo que produz tédio, e pela indiferença ou pelo pansexualismo pagão. Novamente se patenteia diante da Igreja uma alternativa: o que ela não assume em Cristo, não é redimido, e se torna ídolo novo com malícia velha" (Puebla, edição provisória, 341).

Não se pode também esquecer como elemento muito positivo na cultura latino-americana o *amor à família*, com forte acento comunitário, a relação interpessoal, a hospitalidade, bondade, compreensão dos outros, sentido de perdão, capacidade de sofrer, lutar...

2.2.2.4 OS BENS MATERIAIS, O PODER, O SEXO

O *quarto elemento* a se ter muito em conta na evangelização hoje e amanhã na América Latina é a atitude que, a partir do Evangelho, o homem deverá ter no campo *econômico, político e familiar*. Trata-se da posse e do uso dos bens materiais, da participação ativa, consciente e livre na vida do próprio País, da vivência do matrimônio e respeito ao sexo.

2.2.2.4.1 POSSE E USO DOS BENS MATERIAIS

Diante da riqueza Jesus afirma: "Não podeis servir a Deus e ao dinheiro" (Lc 16,13). A riqueza absolutizada é um obstáculo para a verdadeira liberdade. A riqueza e o luxo distanciam de Deus e de nossos irmãos. Os contrastes de luxo e extrema pobreza na América Latina agravados pela corrupção que freqüentemente invade a vida pública e profissional, manifestam até que ponto o homem latino-americano se encontra debaixo do do-

mínio do pecado da riqueza. Isto acontece em duas formas opostas, que têm a sua raiz na mesma idolatria do material: o *capitalismo liberal* e o *coletivismo marxista*. Ambos são formas daquilo que se poderia denominar *injustiça institucionalizada*.

O *capitalismo liberal* é uma idolatria da riqueza em sua forma individual. Concebe a propriedade como um absoluto. Justifica os privilégios e os poderes que dela derivam ilegitimamente. Justifica os contrastes escandalosos entre as classes sociais. É socialmente insensível. É fonte de dependência e opressão, seja em nível nacional como internacional.

O *coletivismo marxista* é uma idolatria da riqueza em sua forma coletiva: o desenvolvimento das forças de produção e a abundância material são a meta da humanidade e a solução última de suas contradições. O monolitismo estatal e a negação das liberdades estão implícitas na análise marxista, porque se inspiram no materialismo dialético que considera o econômico como condicionante de todos os outros níveis da sociedade, inclusive da religião.

Ambos os sistemas fazem uma seleção entre os direitos humanos. O capitalismo defende a liberdade à custa da justiça, e finalmente à custa da própria liberdade; o coletivismo marxista defende a justiça à custa da liberdade, e finalmente à custa da própria justiça.

Qual deve ser a atitude do homem, a partir do Evangelho, diante da riqueza?

Os bens e as riquezas do mundo, por sua origem e natureza e por vontade do Criador, existem para servir efetivamente à utilidade e ao proveito de todos e de cada um dos homens e povos. Compete a todos e a cada um o direito primeiro e fundamental, absolutamente inviolável, de usarem solidariamente desses bens, na medida do necessário, para uma realização digna da pessoa humana.

Todos os demais direitos, também o de propriedade e livre comércio, estão subordinados a ele. "Sobre toda propriedade privada pesa uma hipoteca social" (João Paulo II, discurso inaugural em Puebla, 28-1-1979). A propriedade compatível com aquele direito primordial é, antes de tudo, um poder de administração e gerência.

Esse poder, embora não exclua a posse, não a torna absoluta nem ilimitada. Deve ser fonte de liberdade para todos, nunca de dominação nem de privilégios nem de destruição. É preciso saber respeitar também os recursos naturais e o meio ambiente. A tendência consumista não pode receber a aprovação do cristão. As necessidades elementares dos mais pobres, que constituem a maior parte do mundo, devem ser tomadas em consideração. O "ter" não poderá afogar o "ser" (Puebla, 368).

Todos nós que nos sentimos chamados ao Reino de Deus, individualmente, em nossas famílias, comunidades, teremos que assimilar uma espiritualidade da "pobreza evangélica", que sabe desprender-se e compartilhar, para encontrar a nós mesmos e poder oferecer ao mundo, de que tanto necessita, a autêntica liberdade e gozo de espírito no uso e na posse dos bens materiais. Sem este espírito é impossível esperar uma efetiva solidariedade entre os homens.

2.2.2.4.2 SENTIDO DO PODER

As diversas formas do poder na sociedade pertencem fundamentalmente à ordem da criação. Por isso trazem consigo a bondade essencial *do serviço* que devem prestar à comunidade humana.

"A autoridade, necessária em qualquer sociedade, vem de Deus" (Rm 13,1; Jo 19,11) e consiste na faculdade de mandar, segundo a reta razão. Por conseguinte, sua força de obrigar procede da ordem moral (cf. "Pacem in Terris", 47) e deve desenvolver-se dentro desta,

para que possa obrigar em consciência. No seu conteúdo, a autoridade não é uma força física (cf. "Pacem in Terris", 48).

Infelizmente também aqui existe uma idolatria. O pecado corrompe o uso que os homens fazem do poder, levando-os ao abuso dos direitos alheios e às vezes de forma mais ou menos absoluta. Isto ocorre mais notoriamente no exercício do poder *político*. Diviniza-se este poder quando ele é tido na prática como absoluto. O uso totalitário do poder é uma forma de idolatria e como tal a Igreja o rejeita inteiramente (cf. "Gaudium et Spes", 75). Nenhum ser humano pode ser objeto de discriminação. O poder político vem do povo e deverá permanecer a seu serviço.

Uma autêntica comunidade civil e política requer, antes de tudo, a incorporação de todos os cidadãos na ação política e social. Quando grande parte do povo ou se omite ou está manipulado na expressão legítima dos seus interesses, é preciso reconquistar caminhos possíveis de participação livre de todo o povo nas decisões que afetam o seu destino.

Não se pode negar no Continente Latino-americano a presença de muitos regimes de opressão, *apoiados na "Doutrina da Segurança Nacional"*. Eles constituem um dos mais sérios obstáculos para o pleno desenvolvimento dos direitos da pessoa, dos grupos e das nações. É urgente libertar os nossos povos do ídolo do poder absolutista, para uma convivência social na justiça e na liberdade. Os nossos povos necessitam de uma ordem política que respeite a dignidade do homem, que assegure a concórdia e a paz no interior da comunidade civil e em suas relações com as outras comunidades.

2.2.2.4.3 SENTIDO DO SEXO

O sexo pertence à ordem da criação: "macho e fêmea os criou" (Gn 1,27). Há igualdade e reciprocidade

perfeita entre o homem e a mulher: “à sua imagem e semelhança os criou” (Gn 1,27). Quando se absolutiza o sexo, tenta-se separá-lo da vida familiar e social e do amor que lhe dão sentido, e se torna fonte de destruição. Fatores culturais, meios de comunicação, a comercialização do sexo, atentam contra o desenvolvimento normal da juventude, contra as bases fundamentais do lar e as próprias fontes da vida. O *machismo* corrente oprime de muitos modos a mulher, causa problemas sociais e familiares, e termina truncando o desenvolvimento integral do homem e da mulher.

Para orientar este relacionamento humano existe um sacramento, o sacramento do matrimônio, símbolo do vínculo de Cristo com a Igreja em seu amor uno e indissolúvel (Ef 5,25). Toda relação humana autêntica simboliza a relação transcendente de Deus com o homem. Dá sentido novo à vida humana, familiar, social, econômica e política e convida a viver na comunidade humana segundo o modelo da comunidade divina.

As atitudes frente à propriedade, ao poder, ao próprio sexo, têm enormes consequências na ordem social, bem como na ordem pessoal e espiritual. O relacionamento harmônico com a natureza e, sobretudo, entre os homens, se torna, por Cristo e pela Igreja, símbolo e figura da *Aliança de Deus com os homens* e na luz desta Aliança deve ser vivido. A Igreja propõe à orientação dos cristãos a sua *Doutrina* ou o seu *Pensamento Social* que mostra qual deve ser a atitude deles no meio do mundo para viver o mais plenamente possível esta Aliança. Nossa conduta social é parte integrante do nosso seguimento de Cristo. Nossa reflexão sobre a projeção da Igreja no mundo, como sacramento de comunhão e salvação, é parte da nossa reflexão teológica, porque “a evangelização não seria completa, se não levasse em conta a interpelação recíproca que, no correr dos tempos, se estabelece entre o Evangelho e a

vida concreta, pessoal e social do homem” (“*Evangelii Nuntiandi*”, 29). O serviço da paz e da justiça é um ministério essencial da Igreja (Puebla, 1064). É necessário ler sempre o social, o político, o econômico, o cultural a partir de Evangelho e não vice-versa.

2.2.3 *Como evangelizar? (os meios de evangelização)*

Puebla responde:

- *pela liturgia, oração particular*, usando os *valores da piedade popular* em suas diversas manifestações pessoais e massivas;
- *pelo testemunho*: “essa é nossa primeira opção pastoral: a própria comunidade cristã, seus leigos, seus pastores, seus ministros e seus religiosos devem converter-se cada vez mais ao Evangelho, para poder evangelizar os outros” (Puebla, 782).
- *pela catequese*: formando homens comprometidos pessoalmente com Cristo, capazes de participação e comunhão no seio da Igreja, e entregues ao serviço de salvação do mundo (Puebla, 806).
- *pela educação* “evangelizadora”, que contribui para a conversão educativa do homem total, no seu eu profundo e individual, no seu eu periférico e social, orientando-o radicalmente para a genuína libertação cristã, que abre para o homem a plena participação no mistério de Cristo ressuscitado (Puebla, 830).
- *pela comunicação social*, adaptando as respostas pastorais a essa nova realidade social e integrando a comunicação na pastoral de conjunto,

além de educar o público receptor para que tenha atitude crítica frente ao impacto das mensagens transmitidas por estes meios.

- *pelo diálogo ecumênico* nas suas mais diversas expressões.

2.2.4 A quem evangelizar? (os destinatários)

A evangelização deve abranger a todos, se bem que certas situações, que podem ser caracterizadas como *situações mais necessitadas de evangelização*, mereçam atenção mais especial:

- *situações permanentes*: nossos indígenas habitualmente marginalizados da vida, apenas em alguns casos são evangelizados; os afro-americanos muitas vezes esquecidos.
- *situações novas*, que nascem das mudanças sócio-culturais e requerem uma nova evangelização: é a situação dos que emigram para o exterior ou para os grandes aglomerados urbanos; das massas de toda camada social que se encontram em estado precário de fé; dos que se acham mais expostos ao influxo de seitas e ideologias que não respeitam sua identidade, confundindo e provocando divisões.
- *situações particularmente difíceis*: as dos grupos cuja evangelização é urgente, porém, muitas vezes adiada: universitários, construtores da sociedade (cf. Puebla, 999-1010), militares, operários, jovens, mundo da comunicação social (Puebla, 252).

É dentro desse quadro que se deve ler a opção preferencial pelos pobres, a opção preferencial pelos jovens, a opção prioritária pela família e pela obra vocacional.

2.2.5 Com quem evangelizar? (agentes)

A missão evangelizadora compete *a todo o povo de Deus*. O povo de Deus, com todos os seus membros, instituições e planos, existe para evangelizar. O dinamismo do Espírito de Pentecostes o anima e o envia a todos os povos. Nossas Igrejas particulares devem acolher com renovado entusiasmo o mandato do Senhor: "Ide, pois, e fazei discípulos meus todos os povos" (Mt 28,19).

Dentro do povo de Deus, o *ministério hierárquico* é o principal responsável pela construção da comunhão da Igreja e da dinamização de sua ação evangelizadora. Trata-se dos Bispos, Presbíteros, Diáconos.

Intimamente ligados ao ministério hierárquico, estão os *que levam vida consagrada*. A vida consagrada já é evangelizadora por si mesma. Num engajamento mais "ad extra", Puebla quer que os religiosos sejam incentivados a assumir o compromisso preferencial pelos pobres; a que cheguem, com sua ação evangelizadora, aos âmbitos da cultura, da arte, da comunicação social e da promoção humana; a que assumam, na Igreja Particular, os postos de vanguarda evangelizadora, em comunhão fiel com seus Pastores e com sua comunidade, e na fidelidade ao seu carisma fundacional; a que renovem sua vitalidade missionária.

Há depois os *leigos*, pois é *no mundo* que eles encontram o seu campo específico e insubstituível de ação. Aí pelo testemunho de sua vida, por sua palavra oportuna e por sua ação concreta, eles têm a responsabilidade de orientar as realidades temporais e colocá-las a serviço da construção do Reino de Deus. Atenção especial por parte dos leigos merecem a *família, a educação, os meios de comunicação social, e a atividade política*.

Esta tarefa evangelizadora específica dos leigos não exclui que se lhes possa confiar alguns ministérios compatíveis com o seu sacerdócio laical.

Puebla faz menção particular *da mulher*. Refere-se à igualdade e dignidade da mulher; à missão da mulher na Igreja; à missão da mulher no Mundo.

Penso que se poderia, sem forçar Puebla, mencionar entre os agentes de evangelização as *Comunidades Eclesiais de Base*, que configuradas no texto *como centros* de evangelização na luz da Paróquia e da Igreja Particular, são reconhecidas como válidas e se afirma que devem ser estimuladas em seu desenvolvimento em comunhão com seus pastores (Puebla. 90; 467-506).

CONCLUSÃO

Após esta visão sintética sobre o documento de Puebla no seu *Sitz im Leben*, convém, em poucos períodos, recordar o pensamento chave, a fim de que possa haver a máxima clareza:

1.º — a situação em que vive a América Latina é uma *situação fortemente marcada pelo pecado da injustiça* e por uma *tendência secularista opressora*. Tal situação ofende a Deus, é um contratestemunho por parte de um Continente que se considera basicamente cristão. Contradiz a dignidade do homem, feito à imagem e semelhança de Deus, e destinado a ser filho de Deus. É uma situação que não se pode justificar e muito menos manter;

2.º — o caminho *para o êxodo* desta situação desumana e anticristã para uma situação humana e cristã é o da *evangelização libertadora*. É a evangelização que liberta do pecado pessoal e social e liberta *para a comunhão filial* com Deus e a *comunhão fraterna total* dos homens entre si. É uma libertação *transformadora* do homem, do mundo e das estruturas nas quais o homem vive e deverá encontrar a sua realização pessoal e social. “É a libertação que Cristo mesmo anunciou e deu ao

homem com o seu sacrifício” (“*Evangelii Nuntiandi*”, 38);

3.º — essa evangelização libertadora, *para criar comunhão e participação*, deverá levar a pessoa humana e os grupos sociais:

— *à tomada de consciência* de sua dignidade e da condição em que se encontram;

— *ao compromisso* da renovação de sua vida e da sociedade segundo os valores do Evangelho, através da vivência da justiça, da solidariedade humana, da participação na comunhão eclesial e da pobreza evangélica, sem ódio nem rejeição de qualquer setor da sociedade, embora privilegiando os pobres e os jovens, sem julgar e condenar sem piedade ou perdão, sem apelar à *violência* que não é cristã nem evangélica (Paulo VI; Medellín-Documento “Paz”, 15). “Não devemos transformar as angústias dos pobres em ódio e violência, mas em energia forte e pacífica de obras construtivas” (Paulo VI; “*Evangelii Nuntiandi*”, 19);

— *à busca de uma libertação* que ultrapasse todos os limites temporais e encontre sua realização plena na comunhão com Deus, o verdadeiro e único Absoluto (“*Evangelii Nuntiandi*”, 27);

— *a uma ação* com todas as dimensões do *mandamento novo*, que é amor inteligente e crítico (“*Evangelii Nuntiandi*”, 38).

Trata-se de formar um homem novo com uma consciência sadia, um sentido evangélico crítico diante da realidade, um espírito comunitário e um compromisso social. O objetivo: uma participação livre e responsável, em comunhão fraterna e dialogante, para a construção

de uma nova sociedade verdadeiramente humana e penetrada de valores evangélicos;

4º — a evangelização é um processo dinâmico permanente. Sempre de novo se requer a conversão. Aqui se insere o grande valor do sacramento da penitência. O esforço de maturação na fé, esperança e caridade, que é aprofundamento permanente do Evangelho, não poderá faltar jamais em nenhum instante de nossa existência terrena. Tudo, seja o cultural, seja o político, seja o econômico, seja o social deverá ser lido e discernido a partir do Evangelho;

5º — o ponto de referência fundamental da tarefa evangelizadora da Igreja hoje e amanhã na América Latina será sempre *Jesus Cristo Evangelizador*, que anuncia Reino de Deus. É ele mesmo o Reino de Deus e luta contra o reino da iniquidade: “o próprio Jesus — Evangelho de Deus (Mc 1,1; Rm 1,1-3) — foi o primeiro e o maior dos evangelizadores. Ele foi isso mesmo até o fim, até a perfeição, até o sacrifício da sua vida terrena” (“Evangelii Nuntiandi”, 7) e o modelo de construção da comunidade humana justa e fraterna que desejamos, e que deve ser o sinal do Reino de Deus entre nós, é a comunidade do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Ela será a resposta aos sofrimentos e àspirações dos nossos povos, cheios de uma esperança que não poderá ser defraudada (Rm 5,5).

Composto e Impresso nas
ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS
Rua da Mooca, 766 (Mooca)
Fone: 279-1211 — P. A. B. X.
Caixa Postal, 30 439
SÃO PAULO